



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA
CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO**



MARIA EDUARDA RODRIGUES SOUZA DE OLIVEIRA

**ESTUDO DO IMPACTO DO KITESURF NO PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM BARRA GRANDE, NO MUNICÍPIO DE
CAJUEIRO DA PRAIA, NO NORTE DO PIAUÍ**



PARNAÍBA - PI

2025



O REFLEXO DO KITESURF NO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM
BARRA GRANDE, NO MUNICÍPIO DE CAJUEIRO DA PRAIA, PIAUÍ

MARIA EDUARDA RODRIGUES SOUZA DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso
(monografia) apresentado como exigência
parcial para obtenção do diploma do Curso
de Bacharel em Turismo da Universidade
Federal do Delta do Parnaíba.

Orientadora Prof. Ma. Heidi Gracielle Kanitz.

PARNAÍBA - PI

2025

O REFLEXO DO KITESURF NO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM
BARRA GRANDE, NO MUNICÍPIO DE CAJUEIRO DA PRAIA, PIAUÍ

MARIA EDUARDA RODRIGUES SOUZA DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso
(monografia) apresentado como
exigência parcial para obtenção do
diploma do Curso de Bacharel em
Turismo da Universidade Federal do
Delta do Parnaíba.

Orientadora Prof. Ma. Heidi Gracielle
Kanitz.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Heidi Gracielle Kanitz (Orientadora)
Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

Prof. Me. José Maria Alves da Cunha (Co-orientador)
Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

Prof. Dr. Helder Ferreira de Sousa (1° examinador)
Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

Prof. Me. Ricardo Rayan Nascimento Rocha (2° examinador)
Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

À minha mãe, que me ensinou a contar nos
dedos,

À minha vó, que me ensinou a contar com Deus,

À minha orientadora, que foi bússola nos dias
nublados e farol quando tudo parecia escuro,

... E a mim, porque eu mereço.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada eu gostaria de me isentar do atrevimento em citar nomes, pois é provável que alguém seja esquecido e isso não é pela singularidade da importância que cada um tem em minha vida, mas pelo simples fato humano de esquecer (quem me conhece sabe).

Ao refletir sobre agradecimentos pude perceber que somos completamente moldáveis e constantemente modificados pelos que nos rodeiam em qualquer dimensão passada, presente ou futura de tempo.

À família, agradeço pela nutrição pessoal que têm para comigo. Dedicção, educação e abdicação; muito do que tive e sou, foi e é fruto dos sacrifícios feitos por meus pais. Meus avós me ensinaram que o tempo chega e em especial minha avó Maninha, tão fundamental em minha construção e tão atemporal em meu ser. Família é raiz!

Às amizadas, agradeço pela gentil partilha e generosa permissão. Concordância, discordância, riso e choro; muito do que tive e sou, foi e é fruto daqueles que, por bondade da vida, pude e posso chamar de amigos. Amizade é sorte!

Aos professores, agradeço pela expansão dos horizontes desfocados do futuro e por me mostrarem os infinitos caminhos dos saberes e por mais falha que a memória possa ser, lembro da maioria com carinho e apreço.

Por fim, não posso deixar de expressar meu agradecimento especial à minha orientadora neste trabalho, Professora Heidi Kanitz, pela orientação incansável, pela paciência, por acreditar em mim, pela visão crítica e pela dedicação durante todo esse processo. Sua expertise e seu apoio constante foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Sou imensamente grata pela confiança depositada em meu trabalho.

Tudo o que alcançamos é resultado do quanto estamos dispostos a conseguir; e eu sou apaixonada pela caça em si. Vida é vida!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o reflexo do kitesurf no processo de desenvolvimento do turismo em Barra Grande, localizada no município de Cajueiro da Praia, no norte do Piauí. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou entrevistas semiestruturadas com moradores locais, kitesurfistas, empresários e representantes de organizações da região, e a análise dos dados foi conduzida com base na análise de conteúdo, permitindo a identificação de categorias temáticas a partir das falas dos participantes. Os resultados indicam que o kitesurf exerce papel central na consolidação de Barra Grande como destino turístico, promovendo a geração de empregos, a valorização simbólica do território e melhorias na infraestrutura local. Contudo, também foram identificados desafios relacionados à qualificação da mão de obra, à preservação da identidade cultural e à necessidade de políticas públicas voltadas para o fortalecimento da comunidade. O estudo aponta que o esporte funciona não apenas como atrativo turístico, mas como vetor de transformações sociais, econômicas e culturais no território analisado.

Palavras-chave: Kitesurf. Turismo. Desenvolvimento local. Barra Grande. Inclusão social.

ABSTRACT

This study aims to analyze the impact of kitesurfing on the development of tourism in Barra Grande, located in the municipality of Cajueiro da Praia, in northern Piauí. The research is qualitative in nature, using semi-structured interviews with local residents, kitesurfers, businesspeople and representatives of organizations in the region. Data analysis was conducted based on Content Analysis, allowing the identification of thematic categories from the participants' statements. The results indicate that kitesurfing plays a central role in the consolidation of Barra Grande as a tourist destination, promoting job creation, symbolic appreciation of the territory and improvements in local infrastructure. However, challenges related to the qualification of the workforce, preservation of cultural identity and the need for public policies aimed at strengthening the community were also identified. The study indicates that the sport functions not only as a tourist attraction, but also as a vector of social, economic and cultural transformations in the analyzed territory.

Keywords: Kitesurfing. Tourism. Local development. Barra Grande. Social inclusion.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Modalidades e categorias do Kitesurf	25
Quadro 2- Equipamentos do <i>Kitesurf</i>	26

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Barra Grande-PI	20
Figura 2 - Mapa da Rota das Emoções	21
Figura 3 - Equipamentos do <i>Kitesurf</i>	27
Figura 4 - Ariosto Ibiapina	29
Figura 5 - Hélio Cabrinha na etapa piauiense do <i>Kite-Xtreme</i> Brasil (2007)	33
Figura 6 - Pousada BGK	34
Figura 7 - <i>Kite</i> Escola Paraíso	35
Figura 8 - Projeto Vivo	37
Figura 9 - Localização do município de Cajueiro da Praia - Piauí	43

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ABK	Associação Brasileira de <i>Kitesurf</i>
APA	Área de Proteção Ambiental
BGK	Barra Grande Kite camp
CADASTUR	Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
EMBRATUR	Empresa Brasileira de Turismo
EUA	Estados Unidos da América
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IKO	Organização Internacional de <i>Kiteboarding</i>
ONG	Organização Não Governamental
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SETUR	Secretaria de Turismo do Estado do Piauí
WIPIKA	Wind Powered Inflatable Kite Airacraf

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. 2. REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1 A LOCALIDADE DE BARRA GRANDE-PI: CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL E TURÍSTICO	19
2.2 KITESURF: HISTÓRICO, MODALIDADES, EQUIPAMENTOS E RELEVÂNCIA SOCIOAMBIENTAL	23
2.2.1 Modalidades do Kitesurf	24
2.2.2 Equipamentos Principais do <i>Kitesurf</i>	25
2.2.3 Características Técnicas e Funções dos Equipamentos	27
2.3 O KITESURF CHEGA AO POVOADO	28
2.4 ESPORTE, TURISMO E DESENVOLVIMENTO SOCIOCULTURAL: O CASO DO PROJETO VIVO EM BARRA GRANDE	35
2.5 TURISMO, DESENVOLVIMENTO LOCAL E TURISMO DE ESPORTES	39
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	41
3.2 UNIVERSO E ABRANGÊNCIA DA PESQUISA	42
3.3 COLETA DE DADOS	44
3.3.1 Observação Direta e Street View	45
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	47
4. ANÁLISE DE RESULTADOS	47
4.1 DESENVOLVIMENTO DO KITESURF E DO TURISMO EM BARRA GRANDE	49
4.2 O KITESURF COMO PROPULSOR DO TURISMO E SÍMBOLO DA IDENTIDADE LOCAL	50
4.3 TENSÕES SOCIAIS E CULTURAIS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICES	56

INTRODUÇÃO

A prática do *kitesurf* tem ganhado cada vez mais espaço no Brasil, especialmente em regiões litorâneas com ventos constantes e paisagens que atraem públicos em busca de sol e praia. Estados como Ceará, Rio Grande do Norte e Bahia já são reconhecidos internacionalmente por oferecer condições ideais para o esporte, atraindo atletas profissionais e amadores de diversas partes do mundo. Nesse cenário, o litoral do Piauí tem se destacado como uma nova fronteira promissora para o *kitesurf*, com praias como Barra Grande, Atalaia e Luís Correia oferecendo ventos fortes, mar tranquilo e clima favorável durante a maior parte do ano. Esse crescimento tem impulsionado o turismo esportivo na região, movimentando setores como hospedagem, alimentação, transporte e comércio local. Além disso, estudos apontam que o desenvolvimento do *kitesurf* tem contribuído para a geração de emprego e renda, podendo incentivar a capacitação de mão de obra e o empreendedorismo entre os moradores, além de impulsionar investimentos em infraestrutura. Dessa forma, o esporte tem se consolidado não apenas como uma atividade de lazer e aventura, mas também como um vetor estratégico para o desenvolvimento econômico e social.

Cajueiro da Praia se destaca cada vez mais no cenário nacional do *kitesurf*, principalmente relacionado à vila de Barra Grande, seu principal polo turístico e esportivo. Localizado no litoral do Piauí, o município oferece condições ideais para a prática do esporte: ventos fortes e constantes entre julho e janeiro, águas mornas e rasas, além de uma paisagem natural preservada, composta por mangues, dunas e extensas faixas de areia. Esse ambiente tem atraído kitesurfistas do Brasil e do exterior, posicionando Cajueiro da Praia como um dos destinos emergentes na chamada Rota dos Ventos que inclui também Jericoacoara (CE) e outros destinos do litoral nordestino.

A Rota dos Ventos é um percurso informal de kite e windsurf voltado para os praticantes que desejam aproveitar as condições ideais de vento na costa do Nordeste brasileiro, especialmente entre julho e janeiro. O conceito ganhou força por meio de iniciativas como trips de downwind que ligam locais tradicionais como Cumbuco, Preá, Jericoacoara a outros pontos do litoral piauiense e maranhense, aproveitando os ventos alísios constantes. O trajeto percorre praias de vários estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão,

integrando-se às chamadas “Rota das Emoções” e “Rota das Falésias” no trecho entre os Lençóis Maranhenses e Pipa (RN).

Cajueiro da Praia, último município antes da divisa com o Ceará, faz parte da Região Metropolitana de Parnaíba desde abril de 2022. Possui população estimada em 8.203 habitantes em julho de 2024; no censo de 2022, o total foi de 7.957 moradores (IBGE, 2022). Cajueiro da Praia tem na orla quatro povoados: de Barra Grande, Barrinha, Morro Branco e Cajueiro. No contexto climático, a praia de Barra Grande é bastante afetada por ventos intensos, especialmente entre os meses de agosto a outubro, o que torna o local ideal para a prática de esportes aquáticos como stand up paddle (SUP), *windsurf* e *kitesurf*. Portanto, diante do destaque que o litoral do Piauí ganha no cenário nacional e internacional para a prática desta modalidade esportiva, este estudo busca compreender como a chegada do *kitesurf* tem impulsionado o turismo em Barra Grande, no município de Cajueiro da Praia.

O *kitesurf* foi inicialmente desenvolvido pelos irmãos franceses Bruno e Dominique Leganoix, no início da década de 1980 (Alcantelado, 2009). O nome vem da junção de duas palavras inglesas: *kite*, que significa pipa, e *surf*, que quer dizer deslizar sobre a água. O esporte apareceu pela primeira vez no Brasil em 2000, quando o Rio de Janeiro sediou a última das seis etapas do *Kiteboard Pro World Tour*, primeiro circuito mundial da modalidade. Já em 2004, foi criada a Associação Brasileira de Kitesurf (ABK).

Somente em 2005 é que se tem o registro da chegada do esporte ao Piauí, introduzido pelo médico e empresário teresinense Ariosto Ibiapina, que já era frequentador da praia de Barra Grande durante seu período de férias. O empresário percebeu o crescimento da prática do esporte em outra localidade, a praia de Jericoacoara no estado do Ceará. A prática do *kitesurf* levou à expansão e ao desenvolvimento do turismo, impactando diversos setores, como hospedagem, alimentos e bebidas, geração de empregos e renda, realização de eventos, especulação imobiliária e o surgimento de várias escolas de *kitesurf*.

A partir da análise supracitada, percebe-se o potencial da prática do esporte como principal atrativo para fomento turístico na região mas que, a partir de sua popularização, oportuniza além da movimentação econômica iminente, uma transformação social de sua população, caracterizando-o assim como notável produto turístico para exploração comercial, aliada ao desenvolvimento.

Acerca desta temática, relacionando o *kitesurf* à Barra Grande, percebeu-se uma escassez de pesquisas aprofundando as diversas faces dessa relação. Portanto, diante do exposto, este trabalho tem como pergunta de partida qual o reflexo do *kitesurf* no processo de desenvolvimento do turismo em Barra Grande?

A popularização do *kitesurf* em Barra Grande atraiu um perfil de turista com maior poder aquisitivo, resultando em uma alteração no padrão no uso dos recursos naturais da região. Esse novo perfil de turista pode ter influenciado o mercado local, alterando as dinâmicas econômicas e sociais da comunidade.

Para responder à pergunta de partida, definiu-se que o objetivo geral deste trabalho é analisar o reflexo do *kitesurf* no desenvolvimento do turismo em Barra Grande, Piauí. Tem como objetivos específicos:

- a) Entender o processo do desenvolvimento do *kitesurf* em Barra Grande-PI;
- b) Discutir a relação da comunidade local com o *kitesurf*;
- c) Descrever o impacto do *kitesurf* nos equipamentos de turismo.

Justifica-se a importância desta pesquisa sob diversos âmbitos. No âmbito da pesquisa acadêmica, o presente estudo contribuirá para enriquecer a literatura sobre a relação entre esportes aquáticos e o desenvolvimento turístico na praia de Barra Grande, oferecendo um caminho possível para futuras análises, podendo fomentar o desenvolvimento da região e incentivar o direcionamento de atenção do poder público local e estadual acerca da riqueza, da diversidade do local e da necessidade de se pensar políticas públicas específicas para esta interface.

No aspecto social, o estudo pretende auxiliar no entendimento e na mensuração do impacto socioeconômico, cultural, e de inclusão do *kitesurf* na região que, com sua chegada, tem buscado promover não apenas o desenvolvimento local, mas também uma significativa melhora na qualidade de vida dos nativos, redesenhando o cenário original.

No âmbito pessoal, a pesquisa permitiu aprofundar o conhecimento em uma área de interesse e abrir portas para futuras oportunidades de carreira relacionadas a turismo e esportes.

Esta monografia está estruturada da seguinte forma: são apresentados a seguir os pressupostos teóricos que auxiliaram na compreensão da temática, na análise e interpretação dos dados coletados. No capítulo subsequente, é apresentada a metodologia que embasa esta monografia, com a análise dos resultados posteriormente. Finda-se este trabalho com a apresentação das considerações finais e consequentes referências.

2. REVISÃO DE LITERATURA

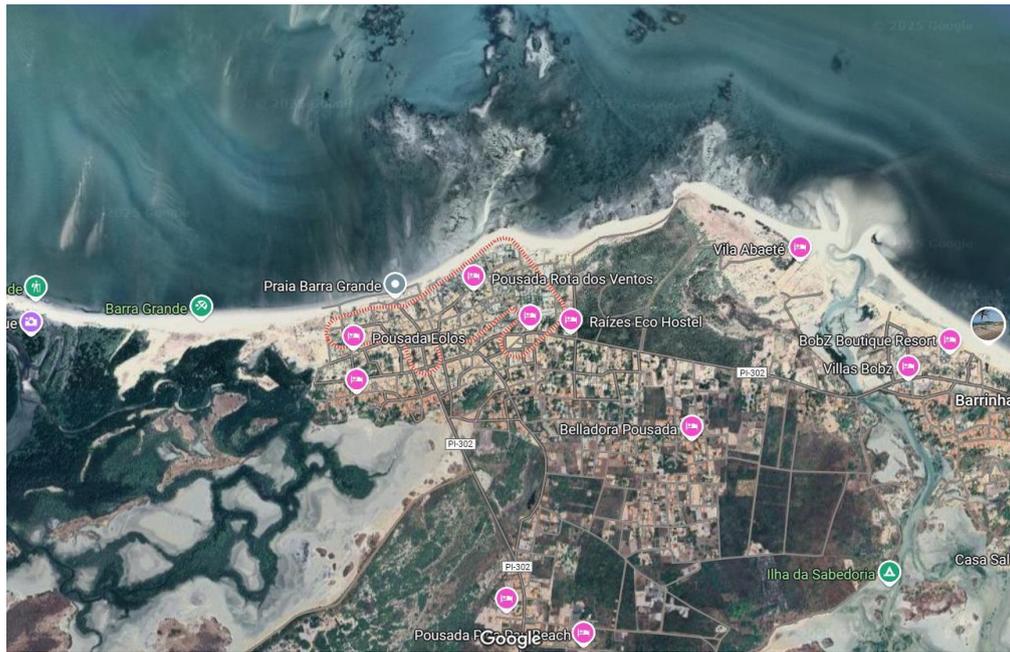
2.1 A LOCALIDADE DE BARRA GRANDE-PI: CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL E TURÍSTICO

O povoado de Barra Grande, situado no município de Cajueiro da Praia (PI), possui raízes históricas que remontam à presença dos indígenas Tremembés, primeiros habitantes da região há mais de 350 anos. O processo de povoamento, entretanto, tem registros datados de 1835, coincidindo com o início da Guerra dos Farrapos (Macêdo, 2011). Conforme relatos de moradores locais, dois gaúchos fugitivos do conflito teriam se instalado na região e iniciado atividades pesqueiras. Um deles preferia a pesca em uma barra menor, local de nascimento do sol, que teria originado a comunidade de Barrinha; o outro, identificado como Vicente Pescador, optava por pescar onde o sol se punha, na atual Barra Grande (Macêdo, 2011).

Barra Grande está inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba, Unidade de Conservação de uso sustentável instituída pelo Decreto Federal s/n.º de 28 de agosto de 1996 (Brasil, 1996). A gestão da APA é de responsabilidade do ICMBio, que promove ações voltadas à preservação da biodiversidade, à fiscalização ambiental e ao incentivo de práticas sustentáveis (ICMBIO, 2020).

A seguir, na figura 2, observa-se a imagem de Barra Grande, atualizada, a partir da ferramenta Google Maps.

Figura 1- Barra Grande-PI



Fonte: Google Maps (2025)

Segundo dados do Relatório Consolidado da Situação do Território do Posto de Saúde de Barra Grande (2023), a comunidade conta com aproximadamente 3.160 habitantes e 1.136 domicílios. A população se dedica majoritariamente a atividades tradicionais, como pesca artesanal, coleta de caranguejos, extrativismo vegetal, agricultura familiar e criação de animais (ICMBIO, 2020). Essas práticas mantêm uma relação direta com o meio ambiente e são repassadas de geração em geração.

Nos últimos anos, o povoado passou por um intenso processo de transformação, impulsionado pelo desenvolvimento do turismo. Inserida na chamada Rota das Emoções (figura 3) que corresponde a um roteiro turístico que liga três estados do Nordeste brasileiro: Ceará (Parque Nacional de Jericoacoara); Piauí (área de proteção ambiental Polo Costa do Delta); e Maranhão (Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses). Esse projeto visa a integrar essas regiões, destacando as belezas naturais e culturais, e promovendo o turismo sustentável como motor de desenvolvimento econômico para a região (Sebrae, 2023). Barra Grande passou a atrair visitantes em busca de experiências ligadas à natureza e à cultura local (Sebrae, 2023), com a região

tornando-se especialmente reconhecida pelos segmentos de turismo de sol e praia, ecoturismo, turismo de aventura e esportes.

Embora Barra Grande se destaque em relação às outras praias piauienses, o turismo ainda é incipiente em nível estadual, e ocupa uma posição periférica no contexto do turismo na Região Nordeste (Braga; Guzzi, 2021). Mesmo assim, o povoado concentra a maior parte da infraestrutura turística de Cajueiro da Praia (Cunha *et al.*, 2016). Em razão disso, o turismo tornou-se essencial para a economia do município, gerando empregos no setor de serviços, como pousadas, bares, restaurantes, e no comércio de artesanato (Barbosa; Perinotto, 2011).

Figura 2- Rota das Emoções



Fonte: SEBRAE (2018)

As condições naturais da localidade, como a presença de águas mornas, sol abundante e ventos constantes, favorecem o lazer à beira-mar e a prática de esportes aquáticos. O turismo de sol e praia é caracterizado pelas atividades de recreação e descanso típicas do litoral (Brasil, 2010b), enquanto o ecoturismo busca promover a conservação ambiental e o bem-estar das comunidades locais (Brasil, 2010a).

No entanto, o maior destaque vai para o **turismo de aventura** e o **turismo de esportes**, com destaque para o *kitesurf*, que se consolidou como o principal atrativo turístico de Barra Grande nas últimas décadas (Macêdo, 2011;

Dutra, 2015; Braga & Guzzi, 2021). Essa modalidade esportiva impulsionou o crescimento da infraestrutura turística local, com a abertura de escolas de *kitesurf*, pousadas, restaurantes e comércios voltados para o público estrangeiro, especialmente europeu.

As atividades ligadas ao *kitesurf* incluem o velejo livre, o *downwind* (deslocamento com o vento, de Barra Grande a outras praias), além de projetos sociais de ensino do esporte promovidos por ONGs. Eventos e competições também ocorrem anualmente, inserindo o povoado em um circuito esportivo nacional e internacional. Esse desenvolvimento tem forte ligação com as características climáticas da região. Durante o chamado período de alta estação (de julho a janeiro), os ventos alísios sopram com intensidade e regularidade, criando condições ideais para a prática do *kitesurf* (Dutra, 2015). Já no período chuvoso (fevereiro a junho), o fluxo de turistas diminui. Contudo, os empresários locais adotam o termo “temporada de calmaria” no lugar de “baixa estação”, buscando suavizar a percepção negativa do período e manter a ocupação dos meios de hospedagem (Cunha & Silva, 2018).

Apesar da notoriedade alcançada, ainda não há um inventário turístico oficial de Barra Grande, o que limita o acesso a dados precisos sobre o perfil dos visitantes, a capacidade da infraestrutura local e os impactos socioeconômicos do turismo. No entanto, estudos acadêmicos indicam que o turismo, especialmente impulsionado pelo *kitesurf*, tem provocado transformações profundas no tecido social e econômico da localidade (Dutra, 2015).

Uma consulta *on-line* no *site* de Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur), realizada em 2025, revelou a existência de 17 meios de hospedagem cadastrados no município de Cajueiro da Praia. Embora a maioria desses estabelecimentos esteja, provavelmente, localizada em Barra Grande, esse número não reflete a realidade atual da oferta de hospedagem na região, devido à desatualização dos cadastros e à existência de novos estabelecimentos que ainda não foram registrados. Além das pousadas, há chalés e segundas residências de temporada alugadas por turistas, cujos valores das diárias variam entre R\$ 150,00 e R\$ 1.000,00, dependendo da localização e da infraestrutura disponível, com os preços mais altos sendo cobrados para hospedagens mais próximas à praia.

A compreensão do turismo em Barra Grande exige uma abordagem que vá além da análise dos atrativos físicos. Como destaca Beni (2006), o destino turístico é também uma construção sociocultural, composta por sua história, tradições e dinâmicas locais. Nessa perspectiva, os atrativos turísticos são os motores do processo turístico, sendo fruto das interações entre os elementos naturais, culturais e sociais do lugar (Urry, 1990). Nesse contexto, Barra Grande desponta como “a praia piauiense de maior destaque nos roteiros turísticos nacionais e internacionais” (Cunha & Silva, 2018, p. 286), tendo o *kitesurf* como seu principal símbolo de visibilidade.

2.2 KITESURF: HISTÓRICO, MODALIDADES, EQUIPAMENTOS E RELEVÂNCIA SOCIOAMBIENTAL

O *kitesurf* — também chamado de *kiteboarding* — é um esporte aquático que une elementos do *surfe*, *windsurf* e parapente, tendo se desenvolvido ao longo do século XX. Embora seus experimentos iniciais remontem à década de 1970, foi somente nos anos 1990 que o *kitesurf* se popularizou de forma significativa, especialmente graças aos avanços tecnológicos nos equipamentos, que proporcionaram maior controle, segurança e acessibilidade (Brun, 2014; Cavalcanti, 2017). A prática consiste em deslizar sobre a água utilizando uma prancha, geralmente semelhante à de *wakeboard*, impulsionada pela força do vento captada por uma pipa (*kite*). Esta, por sua vez, é controlada por uma barra de comando, que permite ao praticante manobrar e se deslocar com fluidez. As modalidades do esporte variam entre *freeride* (estilo livre), *freestyle* (manobras), *wave riding* (surf em ondas), *race* (corrida) e *big air* (saltos com altitude), cada uma exigindo níveis diferentes de habilidade, equipamento e condições climáticas (Dias, 2018).

Além de seu apelo esportivo e estético, o *kitesurf* apresenta uma série de benefícios físicos e socioambientais. Do ponto de vista da saúde, trata-se de uma atividade aeróbica que fortalece os músculos, melhora o equilíbrio, a postura e a coordenação motora, além de proporcionar bem-estar psicológico ao promover contato direto com a natureza. Os movimentos realizados durante a

prática mobilizam especialmente o core, os membros superiores e a musculatura estabilizadora do tronco, favorecendo o condicionamento físico e a prevenção de lesões.

Do ponto de vista ambiental, o *kitesurf* é classificado como uma atividade de baixo impacto, por utilizar exclusivamente a energia eólica como propulsão. Por isso, é frequentemente associado aos princípios do turismo sustentável e da conservação ambiental. A implantação de estruturas para a prática do *kitesurf* demanda intervenções mínimas, tornando possível a valorização econômica de territórios costeiros sem comprometer significativamente seus ecossistemas.

Contudo, a expansão não regulamentada da prática pode gerar pressões ambientais em áreas sensíveis, especialmente em contextos de crescimento acelerado do turismo esportivo. Entre os impactos potenciais estão a perturbação da fauna silvestre, a degradação da vegetação costeira, a compactação do solo nas zonas de praia e o aumento da produção de resíduos sólidos. Para Buckley (2012), o crescimento de atividades esportivas ao ar livre requer planejamento e educação ambiental para mitigar seus efeitos adversos.

Nesse sentido, é fundamental o estabelecimento de regulamentações, códigos de conduta e programas educativos voltados tanto para os praticantes quanto para os visitantes. Ações como o mapeamento de áreas adequadas para a prática, o controle de fluxo de usuários e a fiscalização de atividades comerciais associadas ao *kitesurf* contribuem para uma gestão mais responsável e sustentável. Quando bem planejado, o *kitesurf* pode representar uma poderosa ferramenta de desenvolvimento local, associando saúde, lazer, conservação ambiental e geração de renda de forma integrada.

2.2.1 Modalidades do Kitesurf

As modalidades do *kitesurf* (quadro 1) podem ser classificadas em diversas categorias, dentre as quais destacam-se: o *freeride*, que é voltado para o lazer e aprendizado; o *freestyle*, que foca em manobras acrobáticas e saltos; o *wave*, praticado em ondas, semelhante ao surfe tradicional; o *race*, que envolve

corridas em alta velocidade; e o *wakestyle*, que mescla elementos do *wakeboard* com manobras específicas do *kitesurf* (Martins & Souza, 2020).

Quadro 1- Modalidades e categorias do Kitesurf

Modalidade	Descrição	Características principais	Fonte
Freestyle	Manobras acrobáticas e truques no ar.	Saltos, rotações, manobras técnicas.	IKA
Wave Riding	Navegação em ondas, aproveitando a força do vento e do mar.	Similar ao surf	CBWS
Race/Kite Racing	Corridas em percursos definidos, buscando velocidade e eficiência	Uso de pranchas finas e design aerodinâmico	IKA
Freeride	Navegação recreativo, focada no aproveitamento do vento e conforto	Modalidade mais acessível para iniciantes	Ministério do Turismo
Big Air	Saltos grandes	Envolve riscos, valorizando maiores alturas	Pritchard

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

2.2.2 Equipamentos Principais do Kitesurf

Quanto aos equipamentos (quadro 2), os principais componentes do *kitesurf* são: o kite (pipa), a barra de controle, a prancha e o arnês (cinturão que conecta o praticante à pipa). O kite é fabricado em materiais resistentes e leves, como o nylon e poliéster, e pode variar em tamanho, sendo que kites maiores são usados para ventos fracos e kites menores para ventos fortes (Oliveira, 2019).

A prancha pode ser de diferentes tipos, dependendo da modalidade praticada, indo desde pranchas com ou sem straps (alças para os pés) até pranchas específicas para ondas (Gomes, 2021).

A segurança no *kitesurf* é um aspecto fundamental, uma vez que o esporte depende diretamente das condições climáticas e do domínio técnico do praticante. Equipamentos de segurança incluem o leash (cordão que conecta a

prancha ao corpo), colete salva-vidas e capacete. Além disso, o conhecimento sobre o ambiente e o respeito às normas locais são essenciais para minimizar riscos e acidentes (Ferreira, 2016).

Por fim, o *kitesurf* tem se destacado não apenas como uma atividade esportiva e recreativa, mas também como um importante vetor turístico, especialmente em regiões litorâneas com condições naturais favoráveis, como Barra Grande, no litoral do Piauí (Dutra, 2015).

Quadro 2 - Equipamentos do *Kitesurf*

Equipamento	Função	Descrição Técnica	Fonte
Kite (pipa)	Fonte de propulsão, capta o vento para movimentar o praticante sobre a água	Diferentes tipos: leading edge inflatable (LEI), foil kites. Estes últimos são indicados para ventos fracos, possuindo uma estrutura sem infláveis, sendo mais leves e aerodinâmicos. Já os kites LEI apresentam uma bexiga inflável que garante flutuabilidade e facilita o relançamento do kite na água, contribuindo para maior estabilidade e controle.	IKA (2023)
Barra de controle	Permite ao praticante manobrar o kite controlando a direção e a potência	Ligada ao kite por linhas, possui sistema de segurança como o quick release, que permite soltar rapidamente o kite em situações de risco. Além disso, a barra possibilita o ajuste da tensão das linhas para modulação da força do vento sobre a pipa, fator crucial para a performance e segurança.	Brasil, Ministério do Turismo (2010)
Prancha	Base para o praticante deslizar sobre a água.	Modelos: twin-tip, directional, strapless. A prancha twin-tip, simétrica, permite manobras em ambas as direções, sendo versátil para várias modalidades. A prancha directional assemelha-se à prancha de surf tradicional, sendo indicada para ondas e oferecendo maior controle em condições adversas. As pranchas strapless não possuem as amarras para os pés, demandando técnica maior e proporcionando sensação de liberdade.	CBWS (2022)
Arnês	Utilizado para conectar o praticante à barra, reduzindo o esforço nos	Pode ser de cintura ou de assento, distribuindo a força exercida pela pipa para o	IKA (2023)

	braços.	tronco, aumentando o conforto e prolongando o tempo de prática. A escolha entre os tipos depende do estilo do praticante e do tipo de velejo.	
--	---------	---	--

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Para facilitar a compreensão do público diverso, apresenta-se a seguir uma imagem ilustrativa dos principais equipamentos utilizados na prática do *kitesurf*.

Figura 3 - Equipamentos do *Kitesurf*



Fonte: Google Imagens 2025

2.2.3 Características Técnicas e Funções dos Equipamentos

Os equipamentos utilizados no *kitesurf* apresentam características técnicas específicas que asseguram o desempenho e a segurança do praticante. O *kite* do tipo LEI (Leading Edge Inflatable) possui uma estrutura inflável que facilita o relançamento na água, oferecendo estabilidade e controle, especialmente para iniciantes e praticantes avançados. Já o *foil kite*, sem

estrutura inflável, é mais eficiente em ventos fracos e é bastante utilizado em modalidades como o *racing* e o *freeride*, favorecendo velocidades maiores e manobras mais técnicas.

A prancha *twin-tip*, simétrica, permite a navegação em ambas as direções, sendo versátil para diferentes modalidades, como o *freeride* e o *freestyle*, ideais para quem busca manobras acrobáticas e variações de percurso. Por outro lado, a prancha *directional* se assemelha à prancha de surfe tradicional, indicada para a modalidade *wave riding*, que exige maior controle em ondas, porém não permite a navegação de costas, apresentando melhor desempenho em ondas maiores e mais técnicas.

A barra de controle, peça fundamental para o manejo do *kite*, é equipada com um sistema de segurança chamado *quick release*, que permite ao praticante soltar o *kite* rapidamente em situações de emergências garantindo a sua proteção. Estes sistemas são essenciais para minimizar riscos durante a prática do esporte, possibilitando uma resposta imediata a mudanças inesperadas do vento ou condições adversas.

Além disso, os avanços tecnológicos nos equipamentos têm promovido melhorias contínuas na eficiência e na segurança da prática, tornando o *kitesurf* acessível a um público cada vez maior.

2.3 O KITESURF CHEGA AO POVOADO

A história da chegada do *kitesurf* a Barra Grande, inicialmente contada por Macêdo (2011), indica que teria ocorrido em 2005, trazido pelo médico Ariosto Ibiapina. A partir desse estudo, pesquisas e publicações posteriores sobre esse esporte em Barra Grande, como as realizadas por Ferreira (2012) e Dutra (2015), passaram a reproduzir essa versão, consolidando-a como a narrativa mais conhecida sobre os primeiros passos do esporte no local. Embora, ao pesquisar a inserção do *kitesurf* em Barra Grande, boa parte dos entrevistados desta pesquisa tenham assinalado o protagonismo de Ariosto Ibiapina, médico e proprietário da Pousada BGK - instalada no povoado

oficialmente em outubro de 2007, constata-se que sua relação com o local teve início na década de 1970, quando foi à localidade de Barra Grande.

Ao pesquisar a inserção do *kitesurf* em Barra Grande, outros indícios surgiram, os quais não são contraditórios àquela versão, mas complementares. Dentre eles, destaca-se, também, a primazia de José Antônio Soares de Almeida, conhecido como Zé do Kite, natural de Ribeirão Preto-SP.

De acordo com Ariosto Ibiapina (figura 4), o terreno adquirido por ele em Barra Grande foi no início da década de 1980 e pertencia a Napoleão Cabrinha, antigo morador do povoado. Foi nesse local que construiu sua casa de veraneio, próxima à praia. Em entrevista, Ariosto compartilhou que sempre foi entusiasta de esportes aquáticos. Praticante de *windsurf*, sua curiosidade pelo *kitesurf* surgiu no início dos anos 2000, ao assistir a uma reportagem sobre o esporte no Programa Esporte Espetacular, da Rede Globo. Motivado, Ariosto decidiu aprender o esporte para praticá-lo, especialmente em Barra Grande (PODCAST).

Bitencourt e Navarro (2006) destacam que eventos esportivos de *kitesurf* desempenharam papel essencial no impulso e crescimento da modalidade no Brasil. Em 2000, a praia da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, sediou o primeiro Campeonato do Circuito Mundial da KPWT – *Kite Pro World Tour* – na América do Sul, o Rio *Kiteboard Pro-2000*. Em 2001, foram fundadas a IKO e a ABK, esta última sediada no Rio de Janeiro, que organizou o primeiro Campeonato Brasileiro oficial de *kitesurf*, em Araruama, RJ (Bitencourt; Navarro, 2006).

Figura 4- Ariosto Ibiapina



Fonte: Google Imagens

Nessa perspectiva, segundo Dias (2007), seria natural, no início dos anos 2000, uma migração significativa de atletas e praticantes de modalidades como *windsurf*, caiaque e *mountain bike* para o *kitesurf*, que, além de novidade, oferecia oportunidades de explorar técnicas, movimentos e desafios novos, aproveitando habilidades adquiridas em outras modalidades. Essa migração, conforme Dias (2007), é comum por conta das técnicas interligadas entre esportes aquáticos.

O encontro entre Ariosto Ibiapina e Zé do Kite, no início dos anos 2000, pode ser interpretado como destino. Ariosto iniciou o aprendizado autodidata em Jericoacoara e depois em Barra Grande. Zé do Kite relata o encontro com Ariosto na praia de Atalaia:

Estávamos na praia de Atalaia... Ele parou próximo a mim, enquanto eu estava na praia com o kite no ar, e começou a fazer algumas perguntas, demonstrando interesse em aprender o esporte... Daí ele afirmou: 'Você não vai embora! Você fica no hotel!'. Eu fiquei surpreso e perguntei: 'Como assim?'. Ele reafirmou: 'Não, você fica no hotel porque eu vou pagar mais uma diária sua e, no outro dia, estarei lá! Vou te pegar e te levar pra um lugar pra ver se serve pra velejar o kite!' Eu aceitei, e foi assim que nossa história começou. Fico até arrepiado ao lembrar! (Almeida, 2022, 35 min 40 s).

Esse episódio tornou-se marco para a constituição do kitesurf no povoado. Conforme relato, Ariosto levou Zé do Kite para sua casa de veraneio, onde ficou hospedado. No dia seguinte, Zé do Kite velejou na praia próxima à casa, atraindo atenção de moradores e crianças

Dias depois, Ariosto reconheceu o entusiasmo de Zé do Kite e a viabilidade da praia para o esporte e propôs pagar para que Zé ensinasse a ele, ao filho Daniel e ao sobrinho Pedro, apesar da falta de equipamentos suficientes (Almeida, 2022).

Zé do Kite, então, foi a Jericoacoara buscar equipamentos e amigos (Pepe, Mário Carioca e Sasha), conhecidos como "Favela do kite" por suas condições financeiras limitadas durante as competições, mas com grande talento (Almeida, 2022). O ensino era improvisado, com orientações básicas sobre vento e montagem dos equipamentos, seguidas da prática direta no mar, em um processo instintivo, motivado por incentivo verbal (Ibiapina, 2022). Crianças locais, nativos, filhos de pescadores e lavradores, também participavam, ajudando a montar equipamentos e aprendendo observando os mais experientes.

Enquanto Zé do Kite e seus amigos ensinavam *kitesurf* a Ariosto e seus filhos Pedro e Daniel, eles contavam com a colaboração de algumas crianças locais, filhos de pescadores e lavradores da região, que já haviam visto a prática do *kitesurf* e ficaram impressionadas. Embora sem experiência no esporte, essas crianças estavam sempre por perto para ajudar nas tarefas diárias, como montar e guardar os equipamentos. Ao mesmo tempo, elas aprenderam técnicas do esporte, como manobrar pipa e subir na prancha, ao observarem os *kitesurfistas* mais experientes que contavam com mais tempo de prática.

Zé do Kite também ressalta que, conforme essas crianças começaram a aprender o esporte, passaram a compartilhar os conhecimentos com outros colegas interessados. Desse jeito, o aprendizado acontecia tanto por meio da observação, de longe, na praia, quanto pela prática direta tentando velejar no mar, o que demonstra diferentes formas de aprendizagem do *kitesurf* no início dos anos 2000 em Barra Grande.

Faria (2008), ao escrever as práticas de aprendizagem do futebol, oferece contribuições significativas para compreender o contexto de ensino-aprendizagem do *kitesurf* no povoado de Barra Grande. Sua pesquisa revelou que no futebol, a aprendizagem entre jovens de um bairro de Belo Horizonte-MG ocorria, principalmente, nas interações informais e no compartilhamento de experiências entre os próprios praticantes, mesmo em ambientes nos quais não havia a presença de instruções técnicas formais, como as estruturadas pelos profissionais responsáveis da escola. Assim, o aprendizado do futebol ia além das regras, das táticas e das técnicas, sendo uma experiência que se difundia pelos diferentes modos de participação no esporte.

Não se tratava de um processo passivo de assimilação, em que o corpo era simplesmente moldado; pelo contrário, a cultura futebolística marcava o corpo dos praticantes à medida que também era moldada por eles em suas práticas cotidianas. As sociabilidades entre os jovens não apenas favoreciam o desenvolvimento de habilidades técnicas, mas também construíam conhecimentos, emoções, identidades e disposições corporais. Assim, esses vínculos sociais tornavam o jogo de futebol mais complexo, envolvendo relações de poder, diferentes formas de participação e dinâmicas de interação que permeavam as experiências de aprendizagem (Faria, 2008).

De maneira análoga, no contexto de Barra Grande, o aprendizado do *kitesurf*, especialmente entre os nativos do povoado, também estava fundamentado em trocas informais entre os praticantes. Importa ressaltar que a expressão nativo é empregada nesta pesquisa para designar as pessoas originárias de Barra Grande. Esse termo é amplamente utilizado no dia a dia da comunidade local e carrega um forte senso de orgulho entre os habitantes. Durante as entrevistas, essa expressão foi mencionada diversas vezes, refletindo a identidade e o pertencimento da população ao povoado.

Nesse contexto, o *kitesurf* configurava-se como um esporte recreativo, uma prática de lazer social, fluída e complexa (Gomes, 2011, 2014, 2023) que ia além da aquisição de técnicas de velejo, pois o compartilhamento de experiências e a convivência na beira-mar e no mar da Praia de Barra Grande formavam uma rede de sociabilidades na qual não se ensinava ou se aprendia apenas o esporte, mas também eram estabelecidos significados e identidades entre os envolvidos.

Mesmo com os desafios e limitações no processo de ensino e aprendizagem do *kitesurf*, a prática do esporte na Praia de Barra Grande, realizada por integrantes da família Ibiapina, por Zé do Kite e seus companheiros, acabou despertando o interesse não apenas das crianças do povoado - que, segundo Zé do Kite, não frequentavam a escola por falta de interesse nos estudos e preferiam passar o tempo com o grupo de *kitesurfistas* em vez de assistir às aulas - como também atraiu praticantes de *kitesurf* de diversas regiões do Brasil e até do exterior.

A prática do *kitesurf* se popularizou entre as gerações mais jovens das famílias de pescadores em Barra Grande, por intermédio do ensino informal, a exemplo do que aconteceu na família Cabrinha. Em vez de seguir o ofício tradicional da pesca, esses jovens passaram a almejar tornarem-se *kitesurfistas* e empresários do esporte, com a possibilidade de abrir escolas de *kitesurf* ou serem atletas profissionais, transformando o esporte em uma oportunidade de mudança social e econômica. Entre 2007 e 2008, Barra Grande destacou-se no cenário do *kitesurf* brasileiro e internacional, ao revelar Hélio Cabrinha (figura 5) como o primeiro atleta profissional da modalidade no povoado e único piauiense a brilhar em competições, como o Brasil Kite Tour e o Kite-Xtreme Brasil.

O desempenho do atleta projetou o povoado, consolidando a prática do esporte localmente, atraindo turistas e visitantes de diversas partes do Brasil e do mundo para praticar o *kitesurf* em Barra Grande. Além disso, Hélio Cabrinha tornou-se exemplo e inspiração para os moradores locais, incentivando muitos deles a interessarem-se e a dedicarem-se a esse esporte.

Figura 5 - Hélio Cabrinha na etapa piauiense do Kite-Xtreme Brasil (2007)



Fonte: Instagram (2022)

Em outubro de 2007, a Pousada BGK (figura 6) foi oficialmente registrada (CNPJ 09.211.537/0001). Ariosto inaugura sua pousada para turistas teresinenses atraídos pela natureza e praias, mas a presença de kitesurfistas estrangeiros levou-o a reorientar o projeto para atender esse público, consolidando o esporte e turismo no local.

Figura 6 - Pousada BGK



Fonte: Google Imagens

Além da prática livre de *kitesurf* em Barra Grande, que já atraía *kitesurfistas* pela qualidade do vento e das condições naturais, e com a Pousada BGK oferecendo hospedagem, o povoado passou a contar com a primeira escola de *kitesurf*, a *Kite Escola Paraíso* (figura 7), de propriedade de João Bosco Castello Branco, o Bosco. Isso diversificou ainda mais a oferta do esporte para os turistas, para além da dimensão recreativa, marcando um novo momento na constituição do *kitesurf* em Barra Grande.

Figura 7 - Kite Escola Paraíso



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

2.4 ESPORTE, TURISMO E DESENVOLVIMENTO SOCIOCULTURAL: O CASO DO PROJETO VIVO EM BARRA GRANDE

A articulação entre esporte, turismo e inclusão social tem se mostrado uma estratégia promissora em contextos de vulnerabilidade, especialmente em comunidades litorâneas marcadas por desigualdades sociais. Em Barra Grande, o *kitesurf*, esporte historicamente associado a turistas estrangeiros e classes mais favorecidas, vem sendo ressignificado como uma ferramenta concreta de transformação por meio da atuação da ONG Projeto Vivo.

A ONG Projeto Vivo, criada em 2013 pelos sócios-proprietários da *Kite Escola Paraíso*, João Bosco Castello Branco e Isabel Lupiañes, tem o intuito de promover a inclusão social de crianças, adolescentes e jovens atletas nativos através do esporte, por meio da prática do *kitesurf* na localidade de Barra Grande. Em seu relato, a entrevistada Isabel conta como tudo começou:

faz muitos anos, quando cheguei da Europa ao Cumbuco, no Ceará e vi muitas crianças na beira da praia apenas observando a gente velejar. Estava com minha irmã, Luciene, quando ela sugeriu: Poxa, a gente podia fazer um projeto social aqui, ajudar essas crianças a aprenderem a velejar. A ideia começou a crescer quando eu cheguei aqui em Barra Grande e me apaixonei pelo local. Então eu disse para a minha irmã Lucilene: Olha, eu vou fazer o projeto aqui em Barra Grande. Mesmo que você não esteja aqui. Então comecei devagar, uma criança, outra, e assim por diante. Conseguir material era um desafio, mas fui em frente. A Valdenice, a Val, foi a primeira criança a participar do projeto e hoje trabalha como instrutora na *BG Kite School*. Depois da Val, foram chegando outras crianças, e logo formei um grupo maior. Comecei a implementar diversas atividades além do *kitesurf*, abordando temas ambientais e escolares. Passei a acompanhar o desempenho deles na escola e deixei claro que, para continuar no projeto, precisavam estudar e ter um bom comportamento. Também comecei a fazer acompanhamento em casa, enfatizando a importância de obedecer aos pais. Assim, fomos crescendo e ampliando o projeto. Hoje atendemos cerca de 120 crianças.

Ao promover a inclusão social de crianças, adolescentes e jovens atletas nativos barragrاندenses por meio da prática de *kitesurf* e de outras atividades recreativas e esportivas, o Projeto Vivo (figura 8) estabeleceu como missão

criar e estimular as perfeitas condições para que, com estudo, disciplina e responsabilidades, ampliem-se os horizontes de suas escolhas para o futuro, seguindo ou não carreira como atletas

profissionais de *Kitesurf*. Além disso, a ONG trabalha para afastá-los da criminalidade, drogas e prostituição, os maiores problemas sociais aos quais estão expostos (ONG Projeto Vivo, 2022a, p. 1).

Figura 8 - Projeto Vivo



Fonte: Instagram Projeto Vivo

As ações esportivas e recreativas desenvolvidas pelo Projeto Vivo ocorrem, principalmente, na quadra poliesportiva em Barra Grande, bem como na sede da Kite Escola Paraíso. Essas atividades são realizadas ao longo de todo o ano, porém, é durante os períodos de férias escolares – especialmente nos meses de janeiro e julho – que se observa um aumento expressivo na participação de crianças e adolescentes. Nessa época, é comum vê-los circulando pelo povoado vestindo camisetas verdes fluorescentes com o símbolo do trevo da esperança e o lema do projeto.

Segundo Araújo et al. (2012), projetos sociais esportivos eficazes são aqueles fundamentados em propostas educativas sólidas, que compreendem o esporte não como solução automática, mas como meio estruturado de desenvolvimento. Matos (2017) reforça que, quando bem conduzidos, esses projetos despertam o interesse pela educação formal, ampliam perspectivas de futuro e inspiram mudanças de vida sustentáveis. Nesse contexto, o Projeto Vivo

destaca-se como um vetor de inclusão social e valorização cultural. Jovens que anteriormente não tinham acesso ao kitesurf passaram a praticá-lo, muitos deles tornando-se instrutores, guias de turismo ou profissionais ligados ao setor de turismo esportivo. Essa profissionalização contribuiu para que o esporte deixasse de ser uma prática elitista, tornando-se parte integrante da identidade local. Famílias tradicionais, como os Cabrinhas, exemplificam esse movimento de apropriação comunitária do *kitesurf*, transformando-o em meio de subsistência e expressão cultural.

Com base nos conceitos de representação e apropriação de Chartier (2002), é possível analisar como o *kitesurf* foi ressignificado pela população local. Inicialmente percebido como prática externa e elitizada, o esporte foi reconfigurado de acordo com os valores e necessidades da comunidade, tornando-se símbolo de resistência, oportunidade e pertencimento. Além disso, é importante observar que o impacto positivo do Projeto Vivo não se restringe à esfera esportiva. Ao inserir jovens no mercado de trabalho local, seja como instrutores, monitores ou empreendedores, o projeto também promove autonomia financeira e evita o êxodo juvenil, permitindo que os participantes permaneçam em sua comunidade com dignidade e perspectiva de futuro.

Nesse cenário, o turismo desempenha papel complementar e estratégico. Como atividade econômica em expansão, o turismo esportivo, em especial o voltado ao *kitesurf*, oferece oportunidades concretas de desenvolvimento sustentável. De acordo com Sugden e Tomlinson (2017), o esporte pode fortalecer vínculos comunitários e promover valores de convivência e cidadania. No caso de Barra Grande, a integração entre turismo, esporte e educação gera um ciclo virtuoso que beneficia não apenas indivíduos, mas toda a coletividade.

No entanto, como destacam Beni (2004) e Misener e Mason (2006), o potencial inclusivo do turismo e do esporte depende de um planejamento equitativo, que envolva capacitação local, preservação cultural e distribuição justa dos benefícios gerados. Iniciativas como a do Projeto Vivo tornam-se modelos de boas práticas ao alinhar práticas esportivas com valores sociais, culturais e econômicos. Assim, o caso do Projeto Vivo evidencia como o esporte e o turismo, quando orientados por políticas sociais efetivas e comprometidas com a comunidade, podem ser instrumentos potentes de inclusão e

desenvolvimento. A partir de uma iniciativa local, foi possível ampliar horizontes, criar oportunidades, fortalecer identidades e transformar realidades, reafirmando o potencial do esporte como catalisador de mudanças significativas.

2.5 TURISMO, DESENVOLVIMENTO LOCAL E TURISMO DE ESPORTES

O turismo é amplamente reconhecido como um dos principais motores de desenvolvimento econômico em várias regiões do mundo. Segundo Cohen (2004), essa atividade transforma comunidades ao gerar receitas, empregos e melhorias na infraestrutura local. Para Beni (2004), é essencial que o turismo sustentável assegure benefícios econômicos sem comprometer os recursos naturais e a cultura local.

Barra Grande, com sua combinação de ventos constantes e paisagens preservadas, emergiu como destino turístico relevante, tendo o *kitesurf* como um dos principais catalisadores desse processo. Essa modalidade esportiva atrai visitantes em busca de aventura e contato com a natureza, características do turismo de aventura, conforme destaca Weaver (2001).

Além de promover desafios físicos e emocionais, o *kitesurf* tem forte apelo visual, criando experiências autênticas que impulsionam setores como hospedagem, transporte e comércio (Pereira e Souza, 2019). Por outro lado, o crescimento desordenado dessa prática pode comprometer os recursos naturais, como alertam Smith (2010) e Buckley (2012), destacando a necessidade de planejamento sustentável para evitar impactos como a erosão das praias e a degradação dos ecossistemas marinhos.

Em Barra Grande, a expansão do turismo trouxe transformações econômicas e sociais, além de desafios como a valorização imobiliária e mudanças no comércio local. Britton (1982) observa que, sem políticas inclusivas, o turismo pode acentuar desigualdades sociais, limitando os benefícios para moradores de baixa renda. Nesse contexto, a transição da economia local de Barra Grande, que antes era centrada na pesca artesanal e na agricultura de subsistência (Cunha, 2018), exige atenção para que os benefícios do turismo sejam acessíveis a toda a comunidade. Beni (2004) ressalta que o turismo sustentável deve aliar preservação ambiental e inclusão

social, promovendo uma gestão que valorize tanto os recursos naturais quanto o patrimônio cultural da região.

O turismo de aventura é caracterizado por atividades turísticas ao ar livre que oferecem desafios físicos, emocionais e o contato direto com a natureza. Weaver (2001) define essa modalidade como uma experiência única, que proporciona imersão no ambiente natural desafiando as habilidades físicas dos participantes. Em Barra Grande, o *kitesurf* é um dos principais representantes desse tipo de turismo, atraindo visitantes em busca de aventuras ao ar livre.

Além de ser uma atividade desafiadora e emocionante, o *kitesurf* também tem um forte apelo visual, atraindo turistas em busca de experiências autênticas e memoráveis. Buckley (2012) ressalta que destinos populares para esportes radicais enfrentam desafios para adaptar sua infraestrutura à demanda crescente. Em Barra Grande, a prática do *kitesurf* contribuiu para o surgimento de escolas especializadas, pousadas e restaurantes que atendem a turistas de perfil variado. Essa expansão gerou impactos positivos, como a geração de empregos e o aumento da renda local.

Segundo Pereira e Souza (2019), o turismo de aventura cria um fluxo constante de visitantes, movimentando setores como hospedagem, transporte e comércio. Porém, o crescimento dessa modalidade turística também traz implicações ambientais e sociais. A pressão sobre os recursos naturais pode comprometer a sustentabilidade da região.

Buckley (2012) alerta que a falta de planejamento adequado pode levar à degradação ambiental, incluindo a erosão das praias e impactos nos ecossistemas marinhos. Assim, práticas sustentáveis e o envolvimento da comunidade são essenciais para garantir que o turismo de aventura beneficie a região sem causar danos a longo prazo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é a etapa onde são explicados todos os passos que levam a realização da pesquisa. Onde são indicadas as técnicas para coleta e análise dos dados, tipo de pesquisa, instrumentos utilizados, formas de tabulação e tratamento dos dados, enfim, tudo que se utilizou no trabalho de pesquisa (Kauark; Manhães; Medeiros, 2010). Está subdividida em: caracterização do estudo, universo e abrangência da pesquisa, coleta de dados e análise dos dados.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo caracterizou-se como um trabalho de natureza qualitativa, com o objetivo de compreender o impacto do *kitesurf* no desenvolvimento do turismo em Barra Grande. A escolha desse local foi relevante por proporcionar um contexto rico para a investigação das relações entre o esporte e o desenvolvimento turístico.

A abordagem qualitativa é justificada pela complexidade dos fenômenos sociais e econômicos envolvidos, permitindo uma análise aprofundada das experiências e percepções dos participantes (Minayo, 2001). Embora o *kitesurf* seja um tema de crescente relevância na região, a investigação busca explorar suas nuances e implicações sociais e econômicas de forma mais detalhada, como argumenta Gil (2010).

Quanto aos objetivos, ela pode ser classificada como exploratória, que para Gil (2010, p. 41) “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. E ainda de acordo com o autor, ela tem em seu planejamento, características como a flexibilidade, para que seja possível considerar diversos aspectos do caso estudado, e envolvem levantamentos bibliográficos, entrevistas com atores que tem conhecimento prático com o problema, e análise de exemplos que ajudem a solucioná-lo. (Gil, 2010).

Torna-se também descritiva, uma vez que procura descrever o impacto que o *kitesurf* tem proporcionado à comunidade de Barra Grande, buscando

compreender se há e de que forma desenvolvimento, sem que as informações sofressem interferência pelo pesquisador.

No que diz respeito à classificação da pesquisa quanto aos procedimentos técnicos, Rodrigues (2005) destaca que ela pode ser bibliográfica, documental, experimental, levantamento, estudo de caso, *Ex-post-facto*, pesquisa-ação, e participante.

Considerando as contribuições do autor supracitado, pode-se afirmar que a presente pesquisa tem caráter bibliográfico, por ser elaborada através de livros, artigos, dissertações, entre outros instrumentos bibliográficos que a fundamentaram, e que para Gil (2010, p. 44) “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Além disso, Gil (2010) ainda ressalta que podem ser consideradas fontes bibliográficas, as publicações periódicas (jornais e revistas), livros de leitura corrente (obras literárias – romance, poesia, teatro, etc.; e obras de divulgação – proporcionam conhecimento científico ou técnico), livros de referência ou de consulta (informativa – dicionários, enciclopédias, almanaques, anuários; remissiva - catálogos) e os impressos diversos.

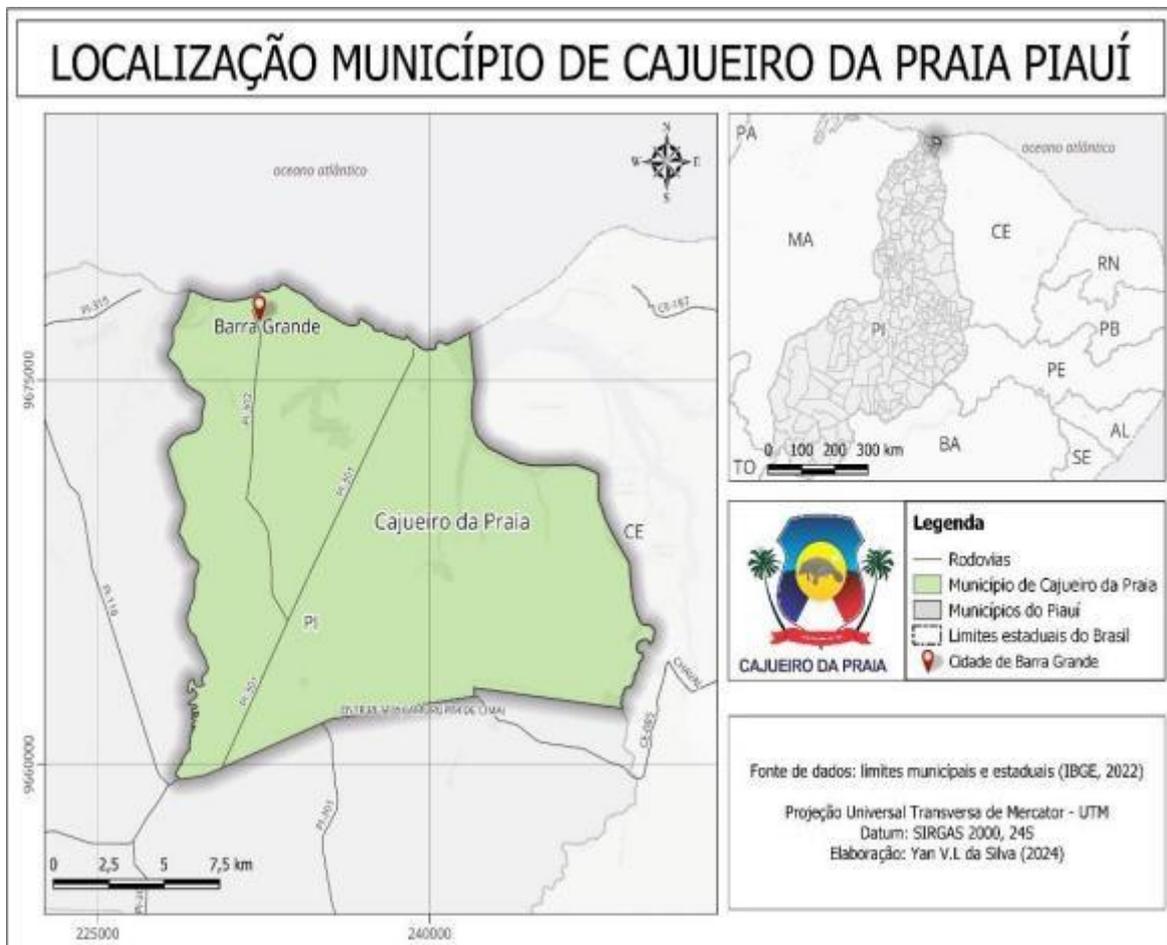
A base para a atividade de campo foi a observação participante (Brandão, 2007), a fim de conviver por um tempo determinado com os sujeitos da pesquisa e compreender melhor as realidades de todos os grupos de participantes. Foi feito uso do diário de campo (Brandão, 2007) com o objetivo de registrar os dados coletados a partir da observação participante, garantindo o devido sentido não apenas para o método escolhido como também para toda a produção do trabalho de pesquisa. Esse processo alinou-se com a proposta de Uriarte (2012), que discute como a etnografia, através da imersão no campo, possibilita uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais do ambiente estudado. A amostragem foi intencional, focando em indivíduos com conhecimento e experiência relevantes para os objetivos do estudo (Gil, 2010).

Portanto, esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritivo-exploratória, com o objetivo de compreender, a partir de dados primários e secundários, o desenvolvimento do turismo em Barra Grande impulsionado pela prática do *kitesurf*.

3.2 UNIVERSO E ABRANGÊNCIA DA PESQUISA

O recorte temporal adotado para este trabalho parte do ano de 2000, momento que marca o início das evidências mais consistentes da prática de *kitesurf* em Barra Grande (Macêdo, 2011), até a atualidade, uma vez que o esporte continua sendo dinâmico e central na estrutura turística local (Gomes, 2011; 2014; 2023). O recorte espacial delimitou-se ao povoado de Barra Grande, pertencente ao município de Cajueiro da Praia, no litoral do Piauí.

Figura 9 - Localização do município de Cajueiro da Praia - Piauí.



Fonte: Nogueira (2024)

Como a presente pesquisa procura compreender o impacto do *kitesurf* no processo de desenvolvimento do turismo em Barra Grande, têm-se como universo da pesquisa o empresariado local, moradores e kitesurfistas, além de representante de ONG local vinculada à prática do *kitesurf*.

A amostra segundo Vieira (2010, p. 104) “é uma parcela de uma população, isto é, constitui-se em um subconjunto do universo desta e, devido a características específicas, retrata com grande grau de fidelidade a realidade dessa população”.

O processo de amostragem é dividido em dois tipos, a amostra probabilística: que tem relação estatística na escolha da amostra, sendo utilizada em pesquisas quantitativas; e a amostra não-probabilística: não utiliza de estatística para escolha da amostra, e segundo Andrade (2010), “a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende, ao menos em parte, do julgamento do pesquisador ou do entrevistador no campo”. Diante do exposto, o tamanho da amostra e escolha dos sujeitos a serem entrevistados se deu pelos critérios: envolvimento com a prática do *kitesurf* e acessibilidade aos entrevistados, configurando-se como uma amostra não-probabilística intencional, posto que os sujeitos foram escolhidos com base no critério e julgamento da pesquisadora.

Diante do exposto, a amostra foi composta por 5 (cinco) sujeitos, sendo:

- Uma atleta, nativa de Barra Grande, participante do Projeto Vivo, campeã mundial de *kitesurf*, representando o município de Cajueiro da Praia em competições nacionais e internacionais;
- Dois kitesurfistas e instrutores de kite, moradores locais;
- Empresário local, nativo de BG, dono de uma escola de kite, um restaurante e um meio de hospedagem;
- Fundadora do Projeto Vivo, kitesurfista e moradora de Barra Grande desde 2011.

3.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada em duas frentes:

a) Dados secundários: Foram consultadas dissertações, teses e artigos científicos disponíveis no Portal de Periódicos da CAPES e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando como descritores os termos “kitesurf”, “Barra Grande” e “Piauí”, sem delimitação temporal.

b) Dados primários: Foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, observação direta em campo e análise via Street View do Google Maps, conforme técnicas sugeridas por Minayo, Deslandes e Gomes (2016). A seleção dos entrevistados baseou-se em um mapeamento preliminar de diferentes grupos sociais do povoado, abrangendo moradores locais, atletas, instrutores, empresários e integrantes de projetos sociais. O método de amostragem adotado foi o da bola de neve (Vinuto, 2014), permitindo a expansão do número de entrevistados a partir de indicações dos próprios participantes.

Considerando que o instrumento de pesquisa utilizado é um roteiro de entrevista, “uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica, que pode proporcionar resultados satisfatórios e informações necessárias” (Marconi; Lakatos, 2006, p. 278), onde é composto por perguntas/tópicos previstos antecipadamente. Baseado no exposto pelos autores, o tipo de entrevista utilizada para esta pesquisa foi a entrevista semiestruturada. Os roteiros de entrevistas encontram-se nos apêndices desta monografia, as quais ocorreram entre os dias 8 e 20 de maio de 2025, sendo três realizadas de forma virtual (via WhatsApp) e duas de maneira presencial em Barra Grande. Todas foram registradas por gravação de áudio, mediante consentimento dos entrevistados, e complementadas por anotações em diário de campo.

Durante o processo de entrevistas, solicitou-se aos entrevistados a disponibilização, se possível, de imagens, fotografias, *folders*, entre outros materiais pertinentes ao *kitesurf*. Esse pedido visava complementar os depoimentos coletados nas entrevistas e enriquecer a pesquisa documental.

O universo de entrevistados nesta pesquisa foi considerado satisfatório, pois englobou uma diversidade de pessoas que vivem ou frequentam Barra Grande. Essa variedade inicial foi importante para garantir a qualidade das informações, permitindo captar diferentes perspectivas e experiências sobre o esporte ao longo do tempo. Essa abordagem fortaleceu a confiabilidade e a validade dos achados, além de contribuir para a construção de uma história sobre o *kitesurf* em Barra Grande (Minayo; Deslandes; Gomes, 2016).

3.3.1 Observação Direta e Street View

Durante a permanência em campo, foram realizadas observações *in loco*, com visitas às principais zonas de prática do *kitesurf*, como: a Praia de Barra Grande, as barracas Trabalha Brasil e Sarney, o restaurante Bohan, e a Pousada BGK (onde se localizam o restaurante Pé de Vento e a BGKite School).

Também se observaram os fluxos de turistas, a presença de equipamentos esportivos e a infraestrutura voltada à recepção de kitesurfistas. Complementarmente, utilizou-se o recurso de *Street View* do Google Maps para análise da configuração espacial e paisagística do povoado em diferentes pontos. A praia mostrou-se como um espaço dinâmico, com uma diversidade de praticantes, além de observadores que acompanhavam as atividades, seja nas barracas e nos restaurantes ao longo da orla, ou na areia, assistindo à prática do esporte.

A prática do esporte em Barra Grande, no período pesquisado, geralmente se iniciava por volta de 9h e 10h da manhã, com os *kitesurfistas* aproveitando as condições ideais de vento, e seguia até às 18h, quando o cenário do pôr do sol contrastava com as últimas manobras dos *kitesurfistas*. O ritual comum a todo *kitesurfista* é chegar à zona de praia, montar os equipamentos com cuidado e, em seguida, preparar-se para o velejo. Normalmente, eles começam ajustando as pipas de acordo com as condições do vento, conectando-as aos cabos e verificando todas as conexões que as ligam ao restante do equipamento. Esse processo é essencial para garantir que o *kitesurfista* esteja totalmente conectado ao equipamento e pronto para se lançar ao mar com segurança e eficiência.

Em resumo, no trabalho de campo as informações foram construídas por meio de entrevistas semiestruturadas, permitindo uma conversa fluída e a exploração de temas emergentes. O público-alvo da pesquisa contemplou os praticantes de *kitesurf*, empresários do setor turístico, moradores locais e representantes de organizações que atuam na região. A seleção desses grupos foi crucial para garantir a inclusão de diversas perspectivas sobre os efeitos do *kitesurf* na comunidade. A duração do trabalho de campo durou cerca de um mês, permitindo tempo suficiente para a coleta de dados e realização de entrevistas.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados desta pesquisa seguiu a abordagem qualitativa, usando uma técnica de análise referenciada por Bardin (1977) denominada análise de conteúdo. A análise do conteúdo é uma técnica utilizada para avaliar as variáveis de forma objetiva e sistemática. Para a autora, o maior objetivo dessa análise é interpretar as informações contidas no documento analisado, decifrando seus significados explícitos e implícitos.

Gil (2010) explica que esse processo consiste em uma sequência de atividades de forma organizada e composta por redução dos dados, categorização desses dados, interpretação e redação do relatório. “A redução dos dados consiste em processo de seleção, simplificação, abstração e transformação dos dados originais provenientes das observações de campo.” (Gil, 2010, p. 133). Esse processo é feito de acordo com os objetivos específicos, onde são escolhidos os dados que podem ser úteis para a pesquisa.

A categorização dos dados “consiste na organização dos dados de forma que o pesquisador consiga tomar decisões e tirar conclusões a partir deles” (Gil, 2010, p. 134). Dessa forma, os dados, uma vez selecionados e organizados de acordo com categorias baseadas no referencial teórico, serão confrontados com as informações do referencial.

A interpretação feita após a categorização permite a descrição dos dados. Nesse ato, além de descrever os dados em suas categorias é necessário que seja feita uma explicação ou idealização para contribuir com algo além do já conhecido (Gil, 2010).

No tocante a esse aspecto, foram definidas as seguintes categorias de análise dos dados coletados: desenvolvimento do *kitesurf* e turismo local; participação e inclusão da comunidade local; impactos socioeconômicos e estruturais do *kitesurf*. Tais categorias são apresentadas a seguir no Quadro 3, de acordo com os objetivos, as perguntas norteadoras e os sujeitos da pesquisa aos quais os questionamentos foram feitos.

Quadro 3 - Categorias de análise

Objetivo Específico	Categoria de Análise	Perguntas da Entrevista	Grupos de Entrevistados
a) Entender o processo do desenvolvimento do <i>kitesurf</i> em Barra Grande-PI.	Desenvolvimento do <i>kitesurf</i> e turismo local	1. Na sua opinião, o crescimento do <i>kitesurf</i> em Barra Grande tem beneficiado a comunidade local? De que forma?	Kitesurfistas, Moradores locais, Empresários
b) Discutir a relação da comunidade local com o <i>kitesurf</i> .	Participação e inclusão da comunidade local	2. Você percebe que a população local participa ativamente do mercado do <i>kitesurf</i> (como instrutores, guias, funcionários, entre outros)?	Kitesurfistas, Moradores locais, Empresários
c) Descrever o impacto do <i>kitesurf</i> nos equipamentos de turismo.	Impactos socioeconômicos e estruturais do <i>kitesurf</i>	3. Enquanto morador, você percebe algum impacto advindo do <i>kitesurf</i> ? (positivo ou negativo)	Moradores locais e Kitesurfistas

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

4. ANÁLISE DE RESULTADOS

A análise dos resultados foi realizada com base na Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011), que orientou as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Após a organização do corpus, composto por entrevistas com moradores, praticantes de *kitesurf*, empresários locais e representantes de organizações, as unidades de sentido foram codificadas e agrupadas em categorias temáticas, apresentadas no item 3.4.

Esta etapa do trabalho retoma o objetivo geral e os específicos apresentados na introdução, que visam compreender os impactos do *kitesurf* no desenvolvimento do turismo em Barra Grande, destacando suas dimensões econômica, social e simbólica. A análise a seguir explora essas dimensões a partir das categorias construídas a partir das entrevistas.

4.1 DESENVOLVIMENTO DO *KITESURF* E DO TURISMO EM BARRA GRANDE

O crescimento do *kitesurf* em Barra Grande impulsionou não apenas a economia local, mas também transformou o vilarejo em um importante destino turístico no litoral do Piauí. Os dados obtidos nas entrevistas evidenciam que o esporte atua como um catalisador do desenvolvimento, influenciando diretamente a estrutura urbana, os serviços e a visibilidade do local em nível nacional e internacional. Como afirmou uma das entrevistadas, “hoje em dia já tem até posto de saúde e uma farmácia aqui e acho que tudo isso vem também por conta do kite, porque Barra Grande virou um destino turístico graças ao kite” (Maria Beatriz, 2025). Essa fala revela como o processo de valorização da vila está diretamente atrelado à prática esportiva, que atrai turistas e incentiva investimentos públicos e privados.

Outro entrevistado complementa, ao afirmar que “o principal fator que fez Barra Grande evoluir como destino turístico foi o kite” (Brito, 2025). Essa percepção reflete uma compreensão local do *kitesurf* como vetor de transformação territorial e econômica, sendo responsável pela geração de empregos, aumento da circulação de capital e expansão de serviços básicos. Nesse contexto, o *kitesurf* se consolida como símbolo do destino, conforme

discutido por Urry (1996), que destaca o papel dos signos na construção do olhar do turista.

Os visitantes não são atraídos apenas pela geografia física de Barra Grande, mas pela imagem simbólica do lugar como paraíso do *kitesurf*, o que molda suas expectativas e experiências. Essa construção simbólica é fortalecida também por práticas de marketing e visual merchandising adotadas por empresários locais, que associam suas marcas e ambientes ao universo do kite.

Como destaca um empreendedor, “quando eu pensei em abrir meu negócio, a princípio a imagem que eu ia usar era a de um kitesurista, porque eu pratico o esporte também” (Sales, 2025). Essas estratégias reforçam o argumento de Coriolano (2006), que vê o turismo como uma mercadoria no contexto da sociedade de consumo, onde símbolos como o *kitesurf* se tornam produtos culturais e experiências desejadas.

Portanto, o desenvolvimento do *kitesurf* em Barra Grande deve ser compreendido não apenas como um fenômeno esportivo, mas como um processo de reconfiguração econômica, simbólica e espacial do território.

4.2 O *KITESURF* COMO PROPULSOR DO TURISMO E SÍMBOLO DA IDENTIDADE LOCAL

As falas colhidas nas entrevistas revelam que a comunidade local desempenha papel central na sustentação do turismo em Barra Grande, especialmente nas atividades vinculadas ao *kitesurf*. A presença do esporte no território gerou uma série de oportunidades econômicas para os moradores, que hoje ocupam postos de trabalho em pousadas, restaurantes, escolas de *kite*, serviços de manutenção e construção civil, entre outros setores diretamente impulsionados pelo turismo.

Como destaca uma das entrevistadas, “a principal mão de obra é de nós, nativos, desde a construção ao imóvel” (Bia, 2025). A afirmação evidencia que a população local não apenas se adaptou à chegada do turismo, mas também busca, à sua maneira, protagonizar a construção do novo cenário econômico da vila. Outro entrevistado reforça: “a maior parte dos empregos gerados é da comunidade local, porque além de conhecer bem a área, geralmente tem o contato com o esporte desde cedo” (Brito, 2025). O conhecimento empírico sobre

o território, a experiência prévia com o mar e o vínculo cultural com o lugar se tornam diferenciais para o aproveitamento das oportunidades geradas pelo *kitesurf*.

Essa inserção produtiva está em consonância com os estudos de Beni (2006), que reconhece o turismo como uma atividade de forte potencial de inclusão socioeconômica, sobretudo quando há envolvimento direto das comunidades anfitriãs na cadeia produtiva. No entanto, os benefícios dessa participação não são isentos de desafios.

Apesar de atuarem no mercado, muitos moradores enfrentam dificuldades de qualificação, principalmente no que diz respeito ao domínio de idiomas estrangeiros e à profissionalização formal. Um empresário local ressalta que “a maioria dos funcionários que contratamos é da região, mas precisamos formar mais gente, principalmente ensinar outra língua, porque recebemos muitos turistas de fora do país e a maioria vem para praticar *kitesurf* aqui” (Sales, 2025). A declaração aponta para uma lacuna estrutural: a ausência de políticas públicas contínuas e eficazes de capacitação que permitam à comunidade acompanhar as exigências de um turismo cada vez mais internacionalizado.

Nesse contexto, emergem reivindicações por programas de educação profissional, como mencionado por uma das entrevistadas: “Acho que deveria voltar o sistema profissionalizante, porque isso poderia ajudar inclusive aqui no vilarejo” (Isabel, 2025). Esse depoimento evidencia a percepção local sobre a importância da formação técnica como meio de ampliar as oportunidades e garantir maior autonomia frente ao mercado de trabalho.

Além da capacitação, outro tema relevante diz respeito à valorização e à preservação da identidade local frente ao crescimento acelerado do turismo. Uma entrevistada alerta para mudanças na paisagem e nos padrões urbanísticos que ameaçam descaracterizar o vilarejo: “Estão trazendo muitas estruturas que fogem do padrão estético de Barra Grande, um vilarejo pequeno, né, é praia” (Maria Beatriz, 2025). Essa fala ecoa a crítica de Trigo (2013), ao discutir os impactos do turismo desordenado e a tendência de homogeneização de destinos, que acabam por perder suas especificidades culturais e estéticas.

Ainda que o turismo ligado ao *kitesurf* traga melhorias estruturais, como novos serviços de saúde por exemplo, os moradores também observam mudanças nos modos de vida e na dinâmica social, que exigem

acompanhamento crítico por parte do poder público e das organizações atuantes na região. A tensão entre desenvolvimento e preservação da identidade local é uma constante em destinos turísticos emergentes, exigindo um planejamento que priorize o bem-estar da população e a sustentabilidade do território.

Por fim, vale destacar que, embora o envolvimento comunitário seja um dos pilares do sucesso turístico em Barra Grande, esse protagonismo só se manterá se for acompanhado de investimentos contínuos em educação, infraestrutura e participação popular na tomada de decisões. O turismo sustentável, conforme aponta Lane (2001), deve ir além do crescimento econômico: deve promover equidade, respeito às culturas locais e desenvolvimento humano.

4.3 TENSÕES SOCIAIS E CULTURAIS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

Embora o *kitesurf* tenha impulsionado significativamente o desenvolvimento econômico e estrutural de Barra Grande, o crescimento acelerado do turismo também traz desafios sociais e culturais importantes que necessitam de um acompanhamento para se pensar em soluções adequadas.

Um ponto recorrente nas entrevistas é a percepção de mudanças na identidade e no ambiente local. Quando uma das entrevistadas expõe que “estão trazendo muitas estruturas que fogem do padrão estético de Barra Grande, um vilarejo pequeno, né, é praia”, isso indica uma possível descaracterização física da vila. Esse fenômeno está relacionado ao processo de gentrificação turística, onde a valorização imobiliária e a construção de infraestruturas para atender turistas podem alterar o tecido social e cultural tradicional (Smith, 2010; Hall & Page, 2014).

Além das transformações espaciais, as tensões sociais também emergem do aumento da criminalidade e dos problemas ligados à convivência entre turistas e comunidade local. Como apontado por uma entrevistada, “a parte ruim é porque na alta temporada a gente recebe muitas pessoas de fora e, com isso, vem também a questão das drogas e outras coisas, e acho que isso é um ponto negativo” (Isabel, 2025). Esses relatos corroboram estudos que indicam que o turismo, especialmente em destinos emergentes, pode acarretar desafios em

segurança pública, sobrecarga dos serviços locais e conflitos sociais (Gössling, 2002; Torres & Momsen, 2004).

A presença de turistas em grande volume, em especial durante a alta temporada, pode gerar impactos negativos na qualidade de vida dos moradores, incluindo o aumento da criminalidade, a pressão sobre infraestrutura urbana, além de mudanças nos valores culturais locais. Conforme destaca Doxey (1975) no seu “índice de irritação dos residentes”, o aumento do fluxo turístico pode levar a atitudes negativas e conflitos entre visitantes e comunidade anfitriã, caso o crescimento não seja acompanhado por um planejamento adequado.

Para mitigar esses efeitos, é fundamental a implementação de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento turístico sustentável e responsável. Isso inclui ações de capacitação e inclusão da população local, segurança pública reforçada, além de planejamento urbano que preserve a identidade arquitetônica e cultural da região (Butler, 1980; Bramwell e Lane, 2011).

Além disso, incentivar a participação comunitária nas decisões sobre o turismo pode fortalecer a governança local e reduzir conflitos, promovendo um equilíbrio entre crescimento econômico e qualidade de vida (Aas, Ladkin & Fletcher, 2005). Programas de educação e sensibilização, bem como o investimento em infraestrutura adequada, são estratégias complementares para promover um turismo responsável e inclusivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como descrito no início desta pesquisa, este trabalho teve como objetivo analisar o impacto do *kitesurf* no processo de desenvolvimento do turismo em Barra Grande, no município de Cajueiro da Praia, litoral norte do estado do Piauí. A partir de entrevistas com moradores, empresários, praticantes da modalidade e representantes de organizações locais, foi possível identificar o papel central desempenhado pelo esporte na reconfiguração do território e no fortalecimento da economia local.

Os resultados obtidos apontam que o *kitesurf* tem desempenhado um papel significativo na dinamização econômica da região, promovendo a geração de empregos, o fortalecimento do comércio local e o aumento da visibilidade do destino turístico em níveis nacional e internacional. De acordo com Beni (2006), o turismo é um vetor importante de desenvolvimento regional quando articulado com as potencialidades locais, o que se confirma no contexto de Barra Grande. Ao mesmo tempo, foram evidenciados desafios relacionados à sazonalidade da atividade, à pressão sobre os recursos naturais e à necessidade de maior envolvimento da comunidade nas decisões relacionadas ao turismo, em consonância com a perspectiva de Boullón (2002), que enfatiza a importância do ordenamento territorial e da participação social na gestão turística.

A consolidação de Barra Grande como destino de *kitesurf* foi resultado do esforço coletivo de moradores e empresários que identificaram, no esporte, uma oportunidade estratégica. Ao apostar no *kitesurf* como elemento identitário do turismo local, esses atores conseguiram diferenciar a vila de outras localidades do litoral piauiense, promovendo uma imagem singular, capaz de atrair um público segmentado e engajado. Como consequência, novas oportunidades de negócios foram criadas, permitindo que diferentes grupos da comunidade se posicionassem de forma mais competitiva no mercado turístico.

Além disso, observou-se que o *kitesurf* não atua de forma isolada, mas se integra a um conjunto de fatores que moldam o turismo em Barra Grande, tornando essencial a adoção de um planejamento participativo que equilibre o crescimento da prática esportiva com a preservação ambiental e a valorização sociocultural dos moradores locais. Tal equilíbrio é fundamental para que o

turismo se desenvolva de forma sustentável, respeitando os limites do ecossistema e os direitos das populações locais.

Dessa forma, recomenda-se a realização de estudos complementares que ampliem o diálogo com outros públicos afetados pela atividade turística e aprofundem a compreensão sobre as transformações em curso no território. A partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), foi possível perceber a complexidade das narrativas e perspectivas locais em torno do turismo esportivo.

Espera-se que este estudo sirva de base para futuras investigações que aprofundem o *kitesurf* em suas múltiplas facetas, não apenas em relação à Barra Grande, mas também destacando como o esporte se consolidou e se enraizou em diferentes localidades do Brasil e do mundo, ampliando a compreensão de sua relevância tanto em contextos locais quanto globais. Este trabalho, portanto, contribui para o debate sobre turismo e desenvolvimento local, ao evidenciar a importância de políticas públicas sustentáveis voltadas a territórios costeiros em processo de intensificação turística.

REFERÊNCIAS

ABETA - Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. **Kitesurf: sobre a atividade**. 2016. Disponível em: <https://abeta.tur.br/atividade/kitesurfe/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

ALCANTELADO, W. V. L. A evolução do kitesurf e o papel do usuário na inovação tecnológica dos equipamentos. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Programa de PósGraduação em Tecnologia, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2009.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos para graduação**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BARBOSA, M. M. **Observação participante: uma abordagem qualitativa para pesquisa**. *Revista de Métodos e Práticas de Pesquisa*, v. 2, n. 3, p. 45-60, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977. 229 p.

BARRA GRANDE NEWS. Entrevista com Dr Ariosto Ibiapina. 2017. Disponível em: https://soundcloud.com/user-618570926/entrevista-com-drariostoibiapina?si=ff14bfc2b4ab4e9b95a8ce96083e79d4&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing. 2018. Acesso em: 17 abr. 2023.

BENI, M. C. **Turismo: aspectos econômicos e sociais**. São Paulo: Atlas, 2004.

BENI, M. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006

BITENCOURT, V.; AMORIM, S.; KELAB, T. **Wakeboard**. 2006. Disponível em: <https://listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>. p.425-426. Acesso em: 21 mar. 2025.

BITENCOURT, V.; AMORIM, S. **Windsurf**. 2006. Disponível em: <https://listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>. p.427-428. Acesso em: 12 abr. 2025.

BITENCOURT, V.; AMORIM, S.; VIGNE, J. A.; NAVARRO, P. Surf. Surfe. **Esportes radicais**. 2006. Disponível em: <https://listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>. p.411-414. Acesso em: 21 mar. 2025.

BITENCOURT, V.; NAVARRO, P. In: DACOSTA, L. (org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

BRAGA, F.; GUZZI, S. **Kitesurf: esportes, turismo e sustentabilidade**. São Paulo: Editora Atlântica, 2021.

BRAGA, S. de S.; GUZZI, A. **Organização espacial da atividade turística no litoral piauiense**. Mercator, Fortaleza, v. 20, p. e20024, 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. *Sociedade e Cultura, Goiás*, v. 10, n. 1, p. 11-27, jan. 2007.

Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1719/2127>. Acesso em: 09 jun. 2025.

BRASIL. **Ecoturismo: orientações básicas**. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010a.

BRASIL. **Manual de Segurança para Prática de Esportes Aquáticos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2010c.

BRITTON, R. S. **O impacto do turismo em comunidades locais: teoria e prática**. *Revista de Desenvolvimento Local*, v. 5, n. 4, p. 335-350, 1982.

BUCKLEY, Ralf. **Turismo sustentável: pesquisa e realidade**. *Annals of Tourism Research*, London, v. 39, n. 2, p. 528-546, 2012.

<https://doi.org/10.1016/j.annals.2012.02.003>

CABRINHA, M. E. de B. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. Barra Grande, Cajueiro da Praia: Piauí, 2022.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **CHARTIER, Roger.** *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 15-35.

COHEN, E. **O impacto do turismo nas comunidades locais**. São Paulo: Hucitec, 2004.

CUNHA, J. M. A. **Família, trabalho e geração: um estudo sobre as relações entre a pesca artesanal e o turismo na localidade Barra Grande – Cajueiro da Praia – Piauí**. 2018. 281 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

CUNHA, J. M. A.; IBIAPINA, M. M.; SANTOS, F. F.; ROCHA, R. R. N.; SILVEIRA JÚNIOR, J. G. da S. **Turismo (in)sustentável em Barra Grande (PI): conflitos, impactos, desigualdade e exclusão social**. *Revista Geografar*, v. 11, n. 1, p. 152-173, 2016.

CUNHA, J. M. A.; SILVA, M. V. **O turismo global em Barra Grande (PI): novos processos socioculturais, multifuncionalidade e pluriatividade no espaço rural**. *Capa*, v. 11, n. 2, 2018.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Pesquisa qualitativa: fundamentos e práticas**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 2011.

DUTRA, A. da S. **Apontamentos para tornar a prática de kitesurf mais sustentável em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, litoral do Estado do Piauí**. *Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)*, v. 19, n. 8, p. 362-379, 2024. DOI: 10.34024/revbea.2024.v19.16410. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/16410>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DUTRA, A. da S. **A Praia de Barra Grande, Cajueiro da Praia – Piauí: de colônia de pescadores ao desenvolvimento do turismo induzido pela prática do kitesurf**. 124 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, 2015.

DUTRA, A. da S.; ROSA, M. C. **A prática do kitesurf no litoral piauiense e suas implicações sobre este patrimônio natural.** *Licere – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, 2024. DOI: 10.35699/2447-6218.2024.53474. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/53474>. Acesso em: 2 jun. 2025.

DUTRA, A. da S.; SILVA, E. T. da; SANTOS, N. M. B. V. **O Plano Estratégico Turístico da praia de Barra Grande – Piauí (PI), Brasil: melhorias a partir da análise de um modelo sistêmico.** In: **SEMINÁRIO ANUAL DA ANPTUR**, 11., 2014. Anais. ...2014. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/11/115.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FARIA, E. L. **A aprendizagem na e da prática social:** um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, C. L. **Fruí vita:** a alquimia do lazer. Ponta Grossa, PR: Atena, 2023.

GOMES, C. L. Lazer, estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. *Licere*, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 1-25, set. 2011.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, jan./abr. 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Cidades:** Cajueiro da Praia. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/cajueiro-da-praia/panorama>. Acesso em: 6 mar. 2025.

IBIAPINA. Ariosto Monte Fontes. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. Barra Grande, Cajueiro da Praia: Piauí, 2022.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Apa Delta do Parnaíba.** 2022b. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/ptbr/assuntos/biodiversidade/unidade-de->

conservacao/unidades-de-biomas/marinho/lista-deucs/apa-delta-do-parnaiba.
Acesso em: 12 mar. 2025.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Plano de manejo da área de proteção ambiental Delta do Parnaíba**. Brasília, DF, 2020a.

IKA - International Kiteboarding Association. **O que é o IKA**. Disponível em: <https://www.kiteclasses.org/about/what-is-the-ika>. Acesso em: 17 abr. 2025.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KITE ESCOLA PARAÍSO. **Quem somos**. 2022. Disponível em: <https://kiteschoolbarragrande.com/quem-somos/>. Acesso em: 11 mar. 2025.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MACÊDO, F. A. **História do kitesurf no litoral piauiense**. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual do Piauí.

MARTINS, M. Zoneamento das praias do Piauí será discutido em Colóquio. abr. 2018. Disponível em: <http://www.pi.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/PI/zoneamento-nas-praiasdo-piaui-sera-discutido-emcoloquio,a069145d181c2610VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 4 abr. 2025.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISENER, L.; MASON, D. **Esporte, inclusão e comunidade**. Toronto: Oxford University Press, 2006.

ONG PROJETO VIVO. **Sobre nós**. 2022. Disponível em: <https://projetovivokitesurf.wordpress.com/sobre-nos/>. Acesso em: 15 mar. 2025.

PEREIRA, Alexandre Queiroz; DANTAS, Eustógio W. C. **Dos banhos de mar aos esportes nas zonas de praia e no mar.** *Sociedade e Natureza*, [s. l.], v. 31, p. 1-24, 09 maio 2019. <https://doi.org/10.14393/SN-v31-n1-2019-46981>.

Acesso em: 6 jun. 2025.

PERINOTTO, A.; SILVA, D.; MACHADO, N. Televisão, internet e turismo: estudo de caso do quadro "tô de folga" do Jornal Hoje na localidade Barra Grande/PI. *Turismo: estudos e práticas (RTEP/UERN)*, v. 5, p. 129, 2016.

Disponível em: <https://geplat.com/rtep/index.php/tourism/article/view/92>. Acesso em: 16 mar. 2025.

PIAUIENSE termina brasileiro de kitesurf em terceiro. *Cidadeverde.com*. 2008.

Disponível em: https://cidadeverde.com/noticias/29028/piauiense-termina-brasileiro-de-kitesurf-emterceiro#google_vignette. Acesso em: 16 jun. 2025.

PODCAST. Entrevista com Dr. Ariosto Ibiapina. [Locução de]: Sozane Jales.

Barra Grande News. 2018. Disponível em: <https://soundcloud.com/user-618570926/entrevista-com-drariosto-ibiapina>. Acesso em: 23 mar. 2022.

POSTO de Saúde de Barra Grande. Relatório Consolidado da Situação do Território. 2023. Relatório consultado no Posto de Saúde de Barra Grande, 12 jun. 2025.

RODRIGUES, M. G. V. **Metodologia da pesquisa: elaboração de projetos, trabalhos acadêmicos e dissertações em ciências militares.** 2.ed. Rio de Janeiro: EsAO, 2005.

SEBRAE. **Rota das Emoções: atrativos e resultados para o trade.** 2023.

Disponível em: <https://sebrae.com.br/>. ... Acesso em: 20 jun. 2025.

SETUR – Secretaria de Turismo do Estado do Piauí. **Sobre a SETUR.** 2023.

Disponível em: <https://turismo.pi.gov.br/sobre-a-setur/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

SMITH, R. **Turismo e sustentabilidade: desafios e soluções.** Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SUGDEN, John; TOMLINSON, Alan. **Sport and Peace-Building in Divided Societies.** London: Routledge, 2017. 182 p.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel, 1990.

URIARTE, Urpi Montoya. **O que é fazer etnografia para os antropólogos**. *Ponto Urbe*, v. 11, p. 1-13, 2012.

VIEIRA, J. G. S. **Metodologia de pesquisa científica na prática**. Curitiba: Editora Fael, 2010.

VINUTO, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 3 mar. 2025.

WEAVER, D. **O turismo de aventura**. São Paulo: Manole, 2001.

WORLD SAILING. **O que é world sailing?** 2022. Disponível em: <https://www.sailing.org/inside-world-sailing/organisation/world-sailing/about-us/>. Acesso em: 1 abr. 2022.

WSB. Water Sports Brazil. **Sobre a WSB**. 2024. Disponível em: <https://www.wsb.com.br/institucional/sobre-a-wsb.html>. Acesso em: 22 maio 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro das entrevistas semiestruturadas

1. Na sua opinião, o crescimento do kitesurf em Barra Grande tem beneficiado a comunidade local? De que forma?
2. Você percebe que a população local participa ativamente do mercado do kitesurf (como instrutores, guias, funcionários, entre outros)?
3. Enquanto morador, você percebe algum impacto advindo do kitesurf? (positivo ou negativo)

APÊNDICE B - Perfil dos entrevistados

Entrevistas virtuais:

Luis Felipe Brito – 27 anos, natural de Cajueiro da Praia (PI), é instrutor de *kitesurf* e atua em uma escolinha na praia da Barrinha.

Maria Beatriz dos Santos Silva (Bia do Kite) - 19 anos, natural de Barra Grande. Participante do Projeto Vivo, compete em eventos de *kitesurf* nacionais e internacionais, representando a comunidade.

Charles Santos – 30 anos, natural de Barra Grande, kitesurfista amador e ex-instrutor da BGKite School.

Entrevistas presenciais:

Isabel Dolores Lupiañes Marques - 55 anos de idade, nasceu no Brasil e viveu na Espanha por 22 anos. Em 2011, conheceu Barra Grande por meio de seu companheiro, João Bosco Castello Branco. Em 2014, fundou uma Organização Não Governamental (ONG) chamada Projeto Vivo, para envolver crianças e adolescentes de Barra Grande na prática de *kitesurf* e outras atividades esportivas.

Leopoldo Sales – 31 anos, natural de Cajueiro da Praia (PI), kitesurfista e empresário local, proprietário de uma escola de *kitesurf* integrada a seu estabelecimento.